

PERFIS MASCULINOS E FEMININOS EM “SENHORA” DE JOSÉ DE ALENCAR

*Valdeci Rezende Borges**

Universidade Federal de Goiás

A personagem Aurélia, do livro *Senhora*¹, de José de Alencar, possui um comportamento que desvia do culturalmente estabelecido e aceito como normal às mulheres cariocas da segunda metade dos oitocentos. Suas atitudes afastavam do modo de viver hegemônico, pois ao romântico Alencar, em desalinho com o avanço capitalista, interessava as posturas originais, as “aberrações” e não o comum, o comportamento geral, valendo-se das “exceções”, talvez como exemplos a serem seguidos e multiplicados na configuração de outra sociedade. Assim, abordaremos a visão de mundo romântica de Alencar expressa nessa obra, que configura como um “retrato” da sociedade fluminense do momento, logo, uma montagem do artista sobre o real, que tanto tem muito a dizer por meio da imagem que revela quanto por seu “negativo”, por aquilo posto em foco e o disposto à margem e ao fundo. Buscamos perceber as concepções de sociedade, de natureza, de masculinidade, de feminilidade e de amor aí presentes destacando as práticas, os valores e as posturas de homens e mulheres, tidos como comuns, mas, sobretudo, aqueles que contrastam por romper com a normalidade.

Essa obra expressa uma atitude crítica de *oposição ao capitalismo*, ao mundo burguês e veicula uma proposta alternativa às práticas sociais daquele momento presente, marcadas pela dissolvência das formas tradicionais de viver, pensar e agir. É reação de hostilidade e recusa a alguns aspectos da vida moderna, vista como corrompida, decadente e opressora, permeada pela perda dos valores qualitativos ligados à moral, à religiosidade, à espiritualidade e aos sentimentos, principalmente, aqueles considerados mais elevados e puros, frente ao privilégio dos quantitativos, de troca e racionais, das relações mercantilizadas, coisificadas e calculistas do imaginário burguês. Apresenta nostalgia pelo que existia no

* . Professor na Univ. Federal de Goiás, Campus de Catalão; membro do NIESC _ Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais; e doutorando em História Social pela PUC/SP.

passado, buscando reencantar o mundo pela poetização ou sonhando com uma realidade diferente, vivendo próximo da natureza e nos moldes tradicionais. Desta forma, Alencar fez uma leitura política da sociedade carioca.

Senhora, publicado em 1875, é considerado o principal romance urbano de Alencar e trata da sociedade imperial carioca. Sua heroína, Aurélia, como o próprio nome indica, representa o brilho e a glorificação da moral; é edificada ao redor da idéia de que, nas camadas populares, ainda não contagiadas pelas normas e hábitos burgueses, residem a alma e o espírito puros, a honradez e integridade de caráter. Essa concepção difusa na obra está sintetizada na frase: “Cumpriu o tropeiro o encargo com uma probidade, de que ainda se encontram exemplos freqüentes nas classes rudes, especialmente do interior”. Aurélia, corporifica a beleza e a formação moral firme, erigida num ambiente social popular e tradicional. É menina órfã, que ao receber uma herança, passou por mudanças rápidas em seu viver e atitudes, mas “não porém no caráter nem nos sentimentos”². Na sociabilidade dos salões da corte, a moça resistiu a vários pretendentes, escolhendo casar-se por amor, com o folhetinista e empregado público Fernando Seixas, que como aponta o sobrenome, simboliza um fragmento de rocha que desgastado rola. Com Seixas viveu uma relação ambígua e conflituosa, estabelecida pelo interesse material e econômico daquele e não sentimental e afetivo como desejava e ansiava encontrar.

Alencar romancista condena o que via a seu redor, investindo contra o mundo urbano, ao atacar seus valores, hábitos e costumes que transformavam a sociedade, movida pelo dinheiro, preocupada com a ascensão social por ele conferido e cada vez mais afinada com o imaginário da burguesia internacional. O livro apresenta o conflito entre amor e riqueza, o confronto do indivíduo com a sociedade e seus padrões morais coercitivos que oprimem e homogeneizam as práticas sociais, expondo-os com ironia, desencanto e ceticismo. Denuncia a mercantilização e depauperamento das relações humanas levados a cabo pela sociedade moderna mediante uma lógica monetarista.

¹ . . ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997

² . *Ibid.*, p. 100, 132.

Assim, no mercado matrimonial, que era o casamento, um “negócio”, pois de conveniência, ao ser realizado em nome de interesses políticos e econômicos, quem possuía riqueza e boa fama tinha “cotação muito alta” na bolsa de vabres. Nesse mercado, Aurélia e Seixas debatem-se ao se confrontarem envolvidos com situações próprias de uma transação comercial, explicitada na estruturação do livro, dividido em partes denominadas de *O preço*, *Quitação*, *Posse e Resgate*, com o objetivo de representar a expansão dos sistemas bancário e financeiro na sociedade carioca e a difusão de sua linguagem no meio social.

Em *O preço* Alencar trata sarcasticamente, do valor do dote oferecido por Aurélia e dos “recursos da dialética materialista” usados para o ajuste do casamento com Fernando, pois, de acordo com a convenção social, “precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas”, aquele “estava no mercado” e a prenda era imprescindível para a realização do matrimônio. Seixas, como muitos outros rapazes casadoiros, compelido pelo fetichismo dos salões, do consumo e do luxo da vida elegante, em contraste com suas economias corroídas e poses escassas, recebimentos de jornalista e funcionário público, na busca de inserir-se noutra classe social e elevar-se, considerava o casamento como um meio legítimo de adquiri-los. O caça dotes, embora dissesse que “amava sinceramente” Aurélia, abandonou-a anteriormente noutra ocasião, para casar-se com outra donzela, “por seu dote, um mesquinho dote de trinta contos”.³

Já em *Quitação*, uma vez estabelecida a “realidade (...) triste” de “mulher traída” e de “homem vendido”, que “se alienara sem conhecer” a quem, o autor em retrospectão, mostra a maneira como Aurélia açulava “a fome do ouro nos cavalheiros do lansquenete matrimonial”, até que “concluiu o mercado” ao “comprar um marido”. Porém, embora fazendo parte do jogo, fugia do mercenário, “como se receasse o contágio do homem a quem unira...”, pois “reduzido à mercadoria ou traste”, do qual faz-se no mercado “a cotação, como se usava outrora com os lotes de escravos”.⁴

Em *Posse*, por sua vez, feita “a transação”, que transforma Fernando de sujeito a objeto, ao invés de acontecer a esperada consumação carnal do dito “santo amor conjugal”, vivem separados “por um

³ . *Ibid.*, p. 80-1, 58,93,113, 137, 139.

⁴ . *Ibid.*, p. 93,72,134,140,135.

divórcio moral”, permeado de “humilhações”, “escárnios” e “mortificações” inseridos no projeto de uma “vingança brutal” e obstinada estabelecido por Aurélia contra o homem a quem julgava “que a traficava”, pois, ao contrário, agiria como outras “tantas mulheres neste mundo” e isso, para ela, “seria a profanação deste santo amor” que sentia. Por fim, em *Resgate*, após todos “os choques dessas duas almas”, ocorre a restituição do marido, coisificado e vendido, “à sua natureza generosa”; “regenerado”, reassume sua “liberdade” ao lado da esposa redimida de seu “orgulho”, pelo amor.⁵

O autor, na condenação do matrimônio de conveniência e daquilo que considera os males da sociedade urbana moderna, sua educação e seus valores, opõe constantemente o presente ao passado. Assim, a mãe de Aurélia, como D. Camila, mãe de Fernando, são fortalezas da moral. A primeira deu à filha “a mesma vigorosa educação que recebera, antiga brasileira, já bem rara em nossos dias”, formando seu caráter numa “moral severa”. No entanto, para fugir ao destino social às mulheres reservado e imposto, Alencar a representa como sendo emocional, como era comum conceber as mulheres, mas enfatiza que em certas ocasiões, “operava nela uma *revolução*” e “brilhavam as irradiações da inteligência”, visto que “*abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem*”. Assim, se nas práticas culturais dominantes, como doutrinas e discursos sociais, elogiava-se o homem, seu poder e razão, vistos como aspectos específicos e naturais, ao qual a mulher deveria submeter pois instintiva, fraca e perigosa, o escritor, como outros românticos, a pensa como emotiva, porém racional e inteligente.⁶

Nesse contexto, Aurélia “Desejando casar-se por amor, “um casamento romântico”, via-se “cotejando o seu formoso ideal com o aspecto sórdido que lhe apresentava a sociedade” e entrou “a desprezá-la, e a olhar o mundo como um desses charcos pútridos, mas cobertos por folhagem estrelada de flores brilhantes...” Quando a “riqueza veio surpreendê-la (...) seu primeiro pensamento foi que era uma arma. Deus lhe enviava para dar combate a essa sociedade corrompida, e vingar os sentimentos nobres escarnecidos pela turba dos agiotas”. Desta forma, fica evidenciado que antes de ser racional a heroína é

⁵ . *Ibid.*, p. 90, 91, 263-8.

⁶ . *Ibid.*, p. 50, 33. Grifos meus.

sentimental e que, além de possuir um pensamento analítico, que examina, confronta e estabelece objetivos, é também religiosa, como são os românticos, marcados pela fé e crença em Deus.⁷

Já Seixas é descrito como possuidor de índole poética e fidalgo, sendo “homem honesto; mas (...) sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível de cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição”, em função da influência do ambiente social que o torna leviano. Embora, considerado como “incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança (...) professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade”, segundo a qual “tudo é permitido (...) desde que (...) evite o escândalo”. Para o narrador, esse personagem pertencia a uma “classe de homens, criados pela sociedade moderna, e para a qual *o amor deixou de ser um sentimento e tornou-se uma fineza obrigada* entre os cavalheiros e as damas de bom-tom”. Era homem “organizado com a molécula do luxo e do galanteio”, que “não se perdoava a imprudência de apaixonar-se por uma moça pobre” com quem “não podia casar...” Essa “doutrina”, de acordo com o escritor, produzia “anomalias”, das quais “não são raros os exemplos na sociedade atual” e ia “criando (...) aleijões de homens de bem”, mediante o “falseamento de certos princípios da moral, dissimulados pela educação e conveniências sociais”.⁸

Nesse contexto, o autor mostra que mentir, trair, insinuar-se e seduzir “eram passes de um jogo social, permitidos pelo código da vida elegante”, que arrastava os homens frágeis de caráter, “talvez gasto pela educação”. Seixas representava homens que “à força de viverem em um mundo de convenção, (...) tornam-se artificiais.” Era resultado de um “embotamento do senso moral, que o influxo de uma civilização adiantada” aborta “no seio de uma sociedade corroída”.⁹

De acordo com a visão social romântica expressa, era “o mundo (...) um inimigo a quem deve fugir”, pois um “deserto moral”, em que “o ouro (...) é afinal o grande legislador”, ao, inclusive, converter “um casamento de conveniência” em “cousa banal e freqüente, que tinha não somente a tolerância, como a consagração da sociedade”. Sociedade essa “para quem a vida é uma série de etiquetas e cerimônias,

⁷ . *Ibid.*, p. 132-3. Grifos meus.

⁸ . *Ibid.*, p. 66-7,115,117. Grifos meus.

regadas pelo uso” e “um mercado”, “aviltante”, pelo poder do ouro, que “desprende de si (...) miasmas que produzem febre, e causam vertigens e delírios”, sendo “necessário ter um espírito muito forte, para resistir a essa infecção; ou então possuir algum santo afeto, que o preserve do veneno, sem o que sucumbe-se infalivelmente”.¹⁰

Em tal leitura social, na qual emerge do texto “homens equívocos, produtos da sociedade moderna”, em que amor “se vende” em “uma transação mercantil”, o casamento, a postura de desprendimento da existência imediata hostil é recorrente. Assim, Aurélia, é descrita como quem “tinha sede de amor”, mas “como não o encontrava na realidade, ia bebê-lo (...) na taça de ouro, que lhe apresentava a fantasia”. Possuía atitudes e posturas que espalhavam pela sociedade e que indicam o crescente desenvolvimento da noção de individualismo e de volta para o “eu” interior em oposição ao exterior árido. Passava dias encerrada no toucador “com seu ideal” em “horas inebriantes” e “quando aparecia, era sempre distraída”, com “aspecto dessas pessoas que se habitua a viver no mundo da fantasia, e que sentindo-se como aturdidadas quando descem à realidade, refugiam-se em suas quimeras”. Via o mundo a partir de suas “crenças”, consideradas no momento por ela como, “incômodas ilusões de (...) infância com que educou-se”, as quais só apagando para “conformar-se à realidade da vida.”¹¹

No entanto, por um lado, se ela não apagava muitas de suas crenças inculcadas no processo de socialização em meio social popular, por outro, abandonava outras tantas como “o recato feminino” exigido no mundo burguês e agia com “desembaraço”, o que era visto como “efeitos da *emancipação das mulheres*”, como uma “*inversão* que têm sofrido nossos costumes com a invasão das modas estrangeiras”. Indicando ainda sua ruptura com os modelos tradicionais hegemônicos de ação feminina, possuía disposição “para a luta” pela “desafrenta de seu amor ludibriado”, puro e inocente. “Alardeava o desplante” contra o “homem, que a traficava”, punindo-o com escárnio e humilhação, ao invés de “resignar-se” como as outras mulheres.¹²

⁹ . *Ibid.*, p. 117-8, 138-9, 145.

¹⁰ . *Ibid.*, p. 217, 224, 239, 240, 193.

¹¹ . *Ibid.*, p. 181, 173, 170, 204, 206.

¹² . *Ibid.*, p. 150-1, 133, 170. Grifos meus.

Já com relação a concepção de amor romântico veiculada no texto vemos emergir aquela de amor virginal também atrelada a Aurélia. Segundo o texto, em vez daquela “espécie de amor” que “se usa na sociedade e que se compra e vende”, ela mantinha “o ideal” de expressão dos “impulsos do sentimento” e não das “seduções do interesse“. Para ela, o amor era “um pujante afeto, que funde em uma só existência o destino de duas criaturas, e completando-as uma pela outra, forma a família” tornando o matrimônio “uma espécie de enigma”, “céu esplêndido” no qual se via envolvida, “inundando-a de felicidade”. O amor é definido como sendo a “felicidade”, uma “graça”, que poupa quem o sente da “degradação de um casamento de conveniência”, logo, um “santo afeto”, mas que pode impingir “humilhação” a quem ama sem “nunca ter sido amado”. Porém na sociedade na qual vivia, amor assim era considerado como algo ilusório, visto como “uma ilusão de poeta, um sonho da imaginação” pois, na vida, de acordo com Seixas, “o amor não é mais do que um capricho, uma doce preferência, um terno devaneio, até que se transforme na amizade conjugal”.¹³

No entanto, em *Senhora*, assim como em outras obras românticas, se a sociedade educava os homens, fazendo-os “à sua feição”, dourando-os com “vícios”, os quais os impediam de ver “através da fascinação o materialismo a que eles” os “arrastava”, a natureza era seu contrário. Foi ao entrar em contato com a natureza que Seixas tomou consciência da “energia e veemência do amor” de Aurélia, iniciando sua “regeneração”. Numa noite descrita com imagens poéticas, “plácida e serena”, com o “céu recamado de estrelas, a brisa,” acariciando “nuvens alvas...”, o arvoredo estremecendo “com o doce arrepio da aragem, (...) os aromas das rosas e das magnólias”, foi que “Seixas parou um instante a *contemplan* a doce *placidez* da natureza” e “essa *calma* suave da noite penetrou-o”, fazendo “relaxar” “as fibras da alma” e sentir “com forças de encarar a situação a que fora arrastado, e a crise em que se achava sua existência”¹⁴.

O rapaz, segundo o texto, “como homem de sociedade que era, conhecia a natureza de tradição apenas, ou, quando muito, de vista. As árvores, as flores (...) eram para ele ornatos, que se confundiam com (...) adereços inventados pelo luxo”. Assim, “à força de viverem em um mundo de convenção, esses

¹³ . *Ibid.*, p. 107,103,120,192-3, 206,144.

¹⁴ . *Ibid.*, p. 265,144,142,143-4. Grifos meus.

homens de sociedade tornaram-se *artificiais*. A natureza para eles não é a verdadeira, mas essa *fictícia*, que o hábito lhes embutiu” e transformou “a *mãe* em uma simples produtora de filhos”. Fernando, ainda conforme o autor, por “pura imitação” aos “poetas da civilização”, “em versos (...) falava de estrelas, flores e brisas, de que tirava imagens para exprimir a graça da mulher, e as emoções do amor”, mas “não recebia da realidade essas impressões, e sim de uma variada leitura.”¹⁵

No entanto, como para os românticos, como o próprio texto diz, eram vistos como “originais somente (...) aqueles engenhos que se infundem na natureza, musa inexaurível porque é *divina*”, Seixas, ao “refugiar-se na solidão”, “assistindo ao romper do dia, ali no meio do jardim, (...) sentia que além das cores brilhantes, das formas graciosas e dos perfumes agrestes, havia alguma cousa de *imaterial* que palpitava no seio desse ermo, e que infundia-se em seu ser”. Assim, essas passagens, além de expressarem a idéia de necessidade de afastamento do mundo de convenções que é a sociedade, de aproximação com a natureza fazendo renascer a vocação humana, indica a dimensão sagrada como preocupação romântica na qual aparecem atreladas a beleza, o sagrado e o espiritual. Ainda nesse sentido, segundo o autor, “Era a *alma da criação que o envolvia*, e comungava com sua alma a inefável serenidade da límpida e fresca manhã”. Com “a calma que derramou-se em seu *espírito*, ainda mais robusteceu-se a resolução tomada” de nunca mais amar Aurélia, por tê-la perdido e porque “julgava uma infâmia para si, envolver sua alma e afundá-la nessa transação torpe” que se tornou seu casamento.¹⁶

Para Seixas, “seu corpo sim estava vendido”, “mas a alma nunca! “; “sentia que a honra não o abandonara; e que se outrora ia-se embotando, esse acidente lhe restituíra o vigor”. Assim, o personagem passa a ser descrito como quem apegou-se às coisas simples, tornou-se trabalhador disciplinado, esposo “dedicado” e “preso” à mulher, operando uma “possessão” de sua existência pelo amor e “assimilação do caráter” moral de Aurélia. Como “alma” que se regenera, exercia sobre si “disciplina rigorosa” e severa, revelando “o seu modo grave e austero de considerar *agora* a sociedade, (...) e as questões práticas da vida”. De acordo com o autor, como “uma cera branda, o homem de coração e de honra se formara aos

¹⁵ .*Ibid.*, p. 145-6. Grifos meus.

¹⁶ .*Ibid.*, p. 146, 239. Grifos meus.

toques da mão de Aurélia” e seu brilho moral, que via “plasmarse de sua alma, a estátua de seu ideal, encarnação de seu amor”, elevando o marido decaído, “melancólico”, que ao “redimir” tomou consciência de “resistir e lutar”, “afrontar a adversidade” contra “a abdicação da dignidade” imposta pela sociedade, vendo ressurgir sua expressão “afável e graciosa” .¹⁷

Aqui, mais uma vez, Aurélia afastava da grande maioria das mulheres de seu tempo e do que todos esperavam delas, isso é, tornarem aquilo que seus maridos quisessem, pois ao homem, ser considerado como racional e capaz, de acordo com o imaginário dominante na sociedade burguesa, cabia moldar aquela com quem casara de acordo com seu preceitos e disciplinas restando seus impulsos e intuição. Por essa inversão realizada por Alencar de valorização da atuação feminina, e até mesmo de supremacia da mulher, o autor foi acusado de ser irrealista e de ter afastado da realidade fluminense. Porém, como ele próprio enfatizou em polêmica com Nabuco¹⁸, não interessava em seus *perfis* de mulher” o comportamento comum e de caráter geral do momento, mas a “originalidade e aberração do viver comum”, as “exceções, ou idiossincrasias morais que se tornam curiosas” e que, acreditamos, deveriam dentro de um projeto de transformação social servir de exemplo a ser seguido para a constituição de uma sociedade diferente daquela que conhecia e não gostava.

¹⁷ .*Ibid.*, p. 239, 246-7, 265-6, 203. Grifo meu.

¹⁸ . COUTINHO, Afrânio (org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 150.